

Encerramento da VII Conferência (Joana Mortágua)

07-Jun-2012

Boa
tarde camaradas,

Quero
em primeiro lugar saudar todos os camaradas e a nova Direcção
Nacional eleita, cumprimentar também os nossos convidados, e
agradecer a todas e a todos pelo debate que aqui tivemos durante
estes dois dias. Para encerrar a 7ª Conferência nacional da UDP
gostava de vos falar dos desafios que temos pela frente. Eles serão
enormes, mas temos todas as condições para os encarar com o
optimismo de quem se sente e está preparado para qualquer luta.

Boa
tarde camaradas,

Quero
em primeiro lugar saudar todos os camaradas e a nova Direcção
Nacional eleita, cumprimentar também os nossos convidados, e
agradecer a todas e a todos pelo debate que aqui tivemos durante
estes dois dias. Para encerrar a 7ª Conferência nacional da UDP
gostava de vos falar dos desafios que temos pela frente. Eles serão
enormes, mas temos todas as condições para os encarar com o
optimismo de quem se sente e está preparado para qualquer luta.

Vivemos
um momento de viragem e a UDP revelou, não só no processo desta 7ª
Conferência mas também na militância de todos os dias, que está à
altura do momento. Quando a UDP nasceu, vivia-se um processo
revolucionário. Também hoje os tempos são críticos e a exigência
é imensa. A crise do capitalismo que aqui discutimos é o motor de
grandes transformações no Imperialismo, nos Estados e nos regimes
sociais. As marxistas e os marxistas da UDP estão na posse da
capacidade de interpretar as grandes transformações desencadeadas
pela crise e estão também com determinação na escolha dos
caminhos para enfrentar a austeridade e defender a democracia.

No
momento em que se anuncia o fim do progresso, o retrocesso
profundo das conquistas populares e dos trabalhadores, a consciência
e a determinação dos sectores mais avançados do campo progressista
sólo mais do que nunca imprescindíveis. O desafio que se coloca é
primeira geração condenada a viver pior do que os seus pais torna
incontornável a emergência de novas vanguardas no campo dos
trabalhadores e na amplitude de todas as lutas.

Esta
corrente nascida das lutas populares de 1974/75 percorreu já um
longo caminho de refundação ideológica, de aprofundamento e
actualização do marxismo. Crescemos com as vitórias, e aprendemos
a aprender com as derrotas, por mais injustas que fossem. Nos
sendeiros de uma revolução, fizemo-nos revolucionários, e por

nunca ter renunciado à nossa história, chegámos ao início da segunda década do século XXI renovados, com um novo impulso marxista num partido plural e com vocação de massas, que é o Bloco de Esquerda, e com um número agora crescente e significativo de jovens activistas e dirigentes.

A UDP tem uma história, mas tem principalmente futuro. E essa deve ser a razão do nosso optimismo perante os desafios que nos estão colocados. O futuro da UDP passa pelos jovens que serão continuadores do papel desta corrente marxista no quadro da luta de classes que se intensifica. Formar novas gerações de revolucionários é uma tarefa colectiva.

As crises são tempos de grande ataque da burguesia e do capital sobre os trabalhadores e os povos. Mas são também momentos em que a resistência e contra-ofensiva popular se reorganizam e acumulam forças. A força dessa resposta terá todo o rasgo, toda a determinação de desta juventude marxista que se está agora a afirmar.

A nossa corrente marxista não está presa aos limites formais da UDP. As nossas fronteiras reais foram conquistadas por nós, avançadas no amplo campo da esquerda com mente aberta e razão determinada no diálogo e no confronto com outras propostas.

Nós somos uma corrente ideológica organizada para a disputa de ideias em campo aberto. É assim que fazemos o debate num partido plural e democrático. Em campo aberto discutimos as ideias e os seus protagonistas. O que manda no casting é o texto da pele, e por isso recusamos qualquer tipo de primícias. E em campo aberto recusamos o centralismo e a estigmatização da divergência política. No Bloco de Esquerda cada militante vale pelas suas ideias, e decide organizar-se livremente tendo como critério de unidade a sua afinidade ideológica, estratégica e tática.

É neste quadro que precisamente porque a disputa se faz em campo aberto - que temos de encarar como frutos da pluralidade democrática a existência no Bloco de muitos camaradas que não estão sendo desta Associação Política, são ganhos para as propostas marxistas; enquanto outros se aproximam a outras afinidades e influências. A liberdade e a responsabilidade são elementos necessários à democracia interna, da qual não abdicamos na construção de um partido de massas.

No momento actual a construção de um partido de massas funda-se na oposição à barbárie do empobrecimento e à violência da

austeridade, amplifica-se na resistência popular e afirma-se como alternativa através de uma proposta ampla e convergente, capaz de mobilizar uma maioria social. Cada vez mais essa proposta assume os contornos de um Governo de Esquerda com um programa radical.

Na

Grécia, a esquerda abriu horizontes de esperança para milhões com um programa radical que rompe com o memorando da Troika; na Alemanha, o Die Linke bate-se em todas as eleições e na luta social com propostas socialistas para quem transformaria a revolução.

Em

França, a Frente de Esquerda do ex-PS Mélenchon apelou a uma revolução cidade e já proclamação de uma nova República que ultrapasse os horizontes do capitalismo. Não faremos por menos.

Também em Portugal, o tempo de ser exigente, como afirmou um dos primeiros slogans do bloco de esquerda.

Fundamos

o nosso europeísmo de esquerda na afinidade com os programas radicais destas forças políticas. São a aliança com estes partidos e com todos os movimentos sociais progressistas corresponder à necessidade histórica de refundação europeia. A Europa das democracias convoca-nos para a luta. Recusar o Tratado de Lisboa, o federalismo e a NATO são exigências europeísticas.

Temos

por isso clareza sobre a proposta do Governo de Esquerda. Ela distingue-se do Governo de Salvação Nacional pela consistência do seu programa alternativo. Distingue-se porque não é uma tentativa de reforço do centro, onde mora o vazio. Um Governo de esquerda nasce da ruptura social que rasga o vazio com a força da alternativa, que destrói o centro e combate a direita conservadora.

Sair

da NATO, recusar o Tratado de Lisboa que impõe a Europa do directório; romper com o memorando da troika que institucionaliza o protectorado em nome da austeridade; rejeitar o Pacto Orçamental que impõe o federalismo orçamental e a regra de ouro; exigir a mutualização da dívida e o controlo democrático do BCE; renegociar a dívida; nacionalizar os sectores estratégicos; impor uma política fiscal agressiva para o capital; aumentar os salários; defender o emprego e o investimento público; promover a modernização ecológica; resgatar a democracia aos mercados financeiros. A proposta de um Governo de esquerda terá o alcance do seu programa na construção de uma maioria social, e tudo o resto é ruido.

Na

base deste programa, o bloco reafirma a sua identidade estratégica e recusa ter papel na recomposição do poder centrífugo. Haverá quem se desencante da esperança perante as dificuldades objectivas da luta popular. A esses o centro parecerá mais atractivo, na procura de uma solução de poder que amortenha a austeridade. A falta de horizonte estratégico turva a visão, perde o centro da tática, só encontra saídas ao centro.

Às

preciso ver mais longe, vivemos um período de grandes transformações

e horizontes abertos. A burguesia está na ofensiva contra os direitos conquistados pelos trabalhadores e os povos. Mas a crise não é um cenário fechado, também há crise nos dominantes e aprofundam-se as condições para a radicalização das consciências.

O avanço do empobrecimento e o recuo da democracia geram um sentimento de emergência, de urgência de respostas. Alguns sectores mais radicais da sociedade iludem-se e desiludem-se entre a capitulação da social-democracia e a inconsequência anarquista. A esquerda não pode ficar acantonada neste beco.

O marxismo continua a irradiar capacidade de alternativa. Não o marxismo que nos permite afastar de equívocos sobre as relações de forças, sobre a vanguarda, sobre o imperialismo, sobre as coordenadas da luta. A divulgação do programa socialista aponta um rumo para o despertar de consciências de uma maioria social transformadora.

Em Portugal, o Bloco de Esquerda tem a responsabilidade de promover a alternativa socialista. Os desafios são demasiado grandes para que o Bloco que se feche em si próprio.

À Camaradas,
Não preciso abrir portas e janelas. Protagonista do socialismo sem muros, o Bloco terá de revigorar o seu projecto através da democracia. Sem medos, sem centralismos nem sectarismos, na convergência de todas as afinidades que partilhem a identidade estratégica dos documentos fundadores.

O Bloco tem pela frente dois desafios essenciais: manter o rumo de um programa alternativo, e para isso a UDP tem contribuído largamente; e aprofundar a democracia interna no novo ciclo que se aproxima com a transição da direção da direção.

Encaramos este processo com naturalidade. Todos os partidos têm os seus ciclos, todas as direções têm o seu tempo. A maturidade dos partidos faz-se também da sua capacidade de se renovarem e reinventarem garantindo a continuidade do projecto que representam.

Como há 13 anos atrás, estamos comprometidos e empenhados neste processo. Foi a UDP que ajudou a construir o Bloco, estivemos nas decisões mais importantes, tivemos e temos vários deputados e dirigentes eleitos. Ninguém pode esperar que a UDP se demita do ncleo dirigente mais importante do Bloco de Esquerda. Qualquer solução de liderança que garanta a matriz deste projecto terá de englobar no centro pessoas afectas à UDP. Essa é a nossa responsabilidade.

Esta conferÃªncia provou que estamos Ã¡ altura dos desafios que nos serÃ£o colocados. Eles serÃ£o enormes, mas temos todas as condiÃ§Ãµes para os encarar com o optimismo de quem se sente e estÃ¡ preparado para qualquer luta.